

TRABALHADORES BRASILEIROS NO JAPÃO: REFLEXÕES SOBRE A COMUNIDADE EM HAMAMATSU.

Claudemira Azevedo Ito¹

Resumo: Nos últimos anos é notório o grande fluxo de brasileiros, descendentes de japoneses, que, em busca de melhores condições de vida, tem optado por migrar para o Japão. Consta-se que parte destes migrantes organiza sua vida fixando residência no Japão, protelando o retorno ao Brasil. Dentre as 47 províncias japonesas, que totalizam os cerca de 260 mil brasileiros, a Província de Shizuoka ganha destaque, concentrando cerca de 35 mil brasileiros. Destes, mais de 12 mil residem na Cidade de Hamamatsu, formando a maior colônia de brasileiros no Japão. Foram analisados dados estatísticos e relatos de trabalhadores brasileiros residentes no Japão. A partir destes depoimentos determinaram-se as trajetórias, anseios e problemas enfrentados pela comunidade brasileira em Hamamatsu. O financiamento deste trabalho ocorreu através da JICA, Japan International Cooperation Agency, que proporcionou o intercâmbio com a Tokoha Gakuen University, em Shizuoka.

Palavras chave: migração, dekasegui, migração internacional.

Abstract: In recent years it has been notorious the large flow of brazilians of japanese descent who, searching for a better life condition, have chosen to migrate to Japan. We have noticed that part of these migrants can organize their lives being residents in Japan, thus they put off their return to Brazil. Among the 47 Japanese Provinces, in Which about 260.000 brazilian now live, the Shizuoka province is remarkable, grouping around 35.000 brazilians. More than 12.000 of these reside in Hamamatsu City, forming the largest community of braziliens in Japan. Statical data and reports of brazilian works, resident in Japan, have been analyzed. From those statements, the courses, aims and problems faced by the Hamamatsu brazilian community have been established. This work's financing occurred trough JICA (Japan Internacional Cooperation Agency), which provided an interchange with Tokoha Gakuen University as well, in Shizuoka.

Key words: migration, international migration

¹ Professora do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp, Campus de presidente Prudente. claudemiraito@hotmail.com. Rua Roberto Simonsen, 305. CEP 19060-900- Presidente Prudente-SP.

Introdução

Hamamatsu com cerca de 580 mil habitantes é a maior cidade da Província de Shizuoka, ultrapassa inclusive a população da própria Capital, a Cidade de Shizuoka. Além desta população a Cidade atende uma dezena de outras cidades satélites. Segundo dados da Fundação de Comunicação e Intercâmbio de Hamamatsu (HICE) a área metropolitana engloba mais de 1,5 milhão de habitantes. A Província de Shizuoka é pontilhada de pequenas cidades, onde se misturam bairros residenciais, pequenas hortas, plantação de arroz e chá. Aliás, a Província é a maior produtora de chá do Japão.

Na Era Jômon (10.000 ac-300 dc), a região de Hamamatsu já era habitada. Nas proximidades do Lago Sanura, a oeste do centro da Cidade, existem ruínas de moradias e montes de conchas e ostras que datam de cerca de três mil anos atrás. Vestígios do homem primitivo de Mikkabi persistem ao tempo, provando a existência de civilização nos tempos antigos. No período das guerras civis, no século XVI, Hamamatsu tornou-se campo de batalha dos clãs Tokugawa, Imagawa e Takeda. Durante o Período Edo (1603-1868), quando foi proibido o Cristianismo e ocorreu o fechamento do País ao estrangeiro, Hamamatsu prosperou como ponto de parada importante na Via Tôkaido, a qual tem sido, por séculos a via de ligação entre Quioto, também Osaka, a Tóquio, antiga Edo.

A posição estratégica de Hamamatsu na comunicação interna do Japão foi reconhecida pelo Shogun Tokugawa, que designou seus aliados para o Castelo de Hamamatsu. Estes posteriormente foram alçados a ocupar cargos importantes na administração central, por isso o Castelo da Cidade é chamado "Castelo do Sucesso".

Na Reestruturação Meiji os domínios feudais foram substituídos por Províncias. Em 1871, Hamamatsu, tornou-se a capital da Província de mesmo nome. Em 1887 o governo central anunciou oficialmente a reorganização de vilas e aldeias, e conseqüentemente em 1888 foi estabelecida a Vila de Hamamatsu. Em 1911, tornou-se Município, composto de 40 vilas e uma população de 36.782 habitantes. No início do século XX, apesar da oscilação da economia, causada pela I Guerra Mundial, a Cidade prosperou sustentada pela indústria têxtil, de instrumentos musicais, de tintura entre outras.

Durante a II Guerra Mundial, Hamamatsu, foi alvo dos ataques aéreos devido às bases da força aérea e às fabricas de munição. Foram 27 ataques aéreos e navais que castigaram a Cidade durante a Guerra, que resultaram em 5.000 vítimas e 30.000 casas destruídas. O maior deles, o ataque aéreo de 18 de junho de 1945, causou grande incêndio, destruindo de uma única vez 15.160 casas e matando 1.157 pessoas. Em 1935 a Cidade contava com 147 mil habitantes, em 1945 esse número passa para 81 mil devido à II Guerra. Mas retoma seu crescimento populacional e em 1955 já totalizava 279 mil habitantes, isto é, em dez anos cresceu 350%. Em 1982 ultrapassa a

marca de 500 mil habitantes. No Japão é raro uma cidade que não é capital de Província e nem está localizada em área metropolitana, ter uma população tão numerosa. No final da década de 1990 passa a ser a 18ª Cidade mais populosa do Japão.

A produção agrícola de Hamamatsu é bastante diversificada. Em pequenos lotes são produzidos arroz, verduras, legumes e frutas. Considerando o valor da produção destacam-se: o crisântemo, o arroz, a tangerina, plantas em vaso, aipo, melão em estufa, ovos, batata-doce e cebola. Com o objetivo de aumentar a produtividade da área cultivada, é bastante comum o uso de estufas, sendo que os mais cultivados neste sistema são o melão, o morango e flores. O Lago Hamana é o centro da indústria pesqueira, destacando-se a criação de enguias como a maior de todo o Japão. Também são cultivados o camarão, o caranguejo e outros frutos do mar, além de algas marinhas. Somente de enguia são produzidas mais de mil toneladas por ano.

Hamamatsu possui importante parque industrial produzindo principalmente motocicletas, instrumentos musicais, tecidos e automóveis. Concentra grandes plantas industriais da Honda, Suzuki, Yamaha, Kawai, além de milhares de pequenas e médias indústrias onde são produzidos peças e insumos para as grandes montadoras de automóveis, motocicletas e produtos eletro-eletrônicos. 100% dos pianos do Japão são produzidos em Hamamatsu, além de vários outros tipos de instrumentos musicais dando-lhe denominação de Cidade da Música. A indústria têxtil também merece destaque, mantém-se ativa desde 1600, seus produtos são reconhecidos pelo requinte em todo o mundo, especialmente os tecidos finos de seda e algodão. No Distrito de Miyakoda, situado na região noroeste de Hamamatsu, vem se desenvolvendo a criação do Projeto Tecnópolis. Indústrias e laboratórios de pesquisas tecnológicas no campo da eletrônica óptica estão sendo instalados neste complexo.

A indústria de equipamentos de transporte, que começou no período pós-guerra com a produção de motocicletas, está agora produzindo motores de popa, jet ski e automóveis. Este crescente parque industrial emprega a maior parte do contingente de trabalhadores brasileiros residentes na Cidade.

1. A presença brasileira em Hamamatsu

No final de década de 1980 inicia-se o fluxo de trabalhadores estrangeiros para Hamamatsu. Em 1990, a Prefeitura contabilizava o registro de apenas 4.748 estrangeiros dos quais 1.457 brasileiros, perfazendo 30% do total, os coreanos eram a maioria e somavam 43%. Todas as outras nacionalidades totalizavam 26%.

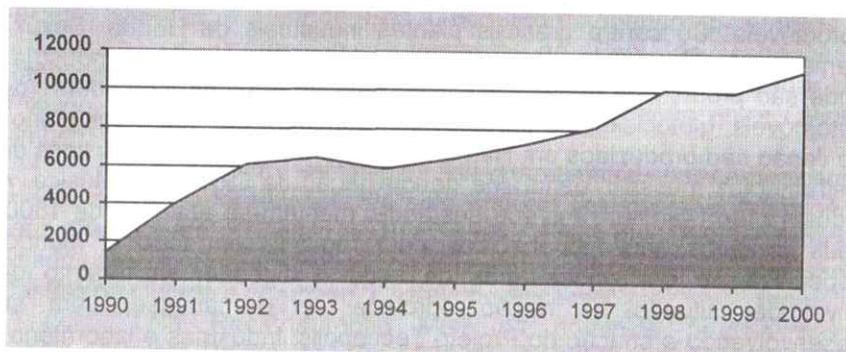
No Japão todo estrangeiro cuja permanência no país exceder 90 dias necessita registrar-se na Prefeitura local. Após alguns

dias recebe a carteira de identificação de estrangeiro, esta é de porte obrigatório. Constam neste documento, nome, nacionalidade, data de nascimento, sexo, número de passaporte, data de entrada e endereço no Japão, entre outros.

Todas às vezes em que o estrangeiro mudar de bairro ou cidade deve retificar seu registro, no prazo de 14 dias, devendo manter o seu registro atualizado. Dessa forma, todas as prefeituras dispõem de dados bastante confiáveis sobre a presença de imigrante, ficam excluídos destes dados somente os migrantes ilegais.

A partir de 1991 a presença brasileira no quadro de estrangeiros da Prefeitura de Hamamatsu, torna-se mais intensa. (Figura 1). Em apenas dois anos, de 1990 a 1992, o número de brasileiros passou de 1.457 para 6.132, ou seja, quadruplicou a população brasileira em Hamamatsu em dois anos. Em 1998 os brasileiros ultrapassam os 10.000 e terminam dezembro de 2.000 totalizando 11.121 pessoas.

Figura 1. Hamamatsu: Brasileiros Registrados 1990-2000 (Absoluto)



Fonte: Prefeitura de Hamamatsu, 2000.

O início do ano 2000 marcou pequeno decréscimo no número de brasileiros em Hamamatsu, trata-se do reflexo do grande número de brasileiros que retornaram ao Brasil, alguns para visitar seus familiares outros em definitivo. Mas sem dúvida, por força da grande propaganda e do mito que envolveu a entrada do ano 2000, inclusive, erroneamente, comemorando a passagem de século.

O crescimento da presença brasileira em Hamamatsu em números absolutos também foi acompanhado pelo aumento da proporção de brasileiros frente ao grupo de estrangeiros residentes no Município.

O grande salto de crescimento do número de brasileiros em Hamamatsu ocorreu no ano de 1990, quando houve crescimento na ordem de 1.000%, pois em 1989 os brasileiros totalizavam apenas 146 pessoas e no ano seguinte já totalizavam 1.457 cidadãos. Foi o reflexo imediato da mudança na legislação da imigração japonesa, que abriu a

possibilidade de concessão de visto para exercer função remunerada aos nikkeis brasileiros.

Em 1990 os brasileiros somavam 30% dos estrangeiros residentes em Hamamatsu, em 2000 passam a representar 60%. Este aumento ocorreu gradativamente ao longo da década de 1990, período no qual os brasileiros superam o total de todos os outros estrangeiros. A partir de 1991, quando superam a marca de 50% do total de estrangeiros esta porcentagem cresceu e estabilizou próximo aos 60%.

Em termos de comparação da evolução dos diferentes grupos de estrangeiros em Hamamatsu, pode-se observar a tendência de crescimento mantida pela colônia brasileira, da mesma forma em que aparece claramente a tendência de diminuição dos coreanos e o discreto crescimento de outras nacionalidades. Além dos países assinalados: China, Peru, Filipinas e Coréia, em Hamamatsu residem cidadãos da Indonésia, Vietnã, Estados Unidos da América, Tailândia, Paquistão e outras nacionalidades, que por representarem número muito reduzido não explicitado nas estatísticas da Prefeitura.

Entretanto, somado o crescimento do número de estrangeiros em Hamamatsu, percebe-se aumento significativo frente à população total da cidade. Em 1990 o total de estrangeiros vivendo em Hamamatsu era de 0,89% da população total, no ano seguinte passa a 1,49%. Em dezembro de 2000, este percentual passa para 3,05%, sendo que deste grupo de estrangeiros o de maior crescimento é sem dúvida o de brasileiros.

Dessa forma a administração municipal tem realizado eventos para a população de residentes estrangeiros, bem como colocado pessoal bilingüe em postos e órgãos de atendimento procurados pelos estrangeiros. Por exemplo, no setor de registro de estrangeiro há funcionário que orienta em português e inglês. No setor de educação há também uma funcionária que atende em português, espanhol e inglês.

A presença de brasileiros em Hamamatsu tornou-se tão marcante que a Prefeitura Municipal distribui folhetos informativos em português. O "Boletim Informativo de Hamamatsu" é publicado mensalmente pela Prefeitura, trás informações diversas sobre eventos, cursos, inscrições para creches, escolas, moradia e outros serviços municipais, alé de informações sobre pontos turísticos e, históricos. A tiragem é de 2500 exemplares, com distribuição gratuita na Prefeitura Municipal e outros pontos de grande circulação de brasileiros.

Alguns serviços da Prefeitura contam com folhetos informativos em português, espanhol, inglês e chinês. Por exemplo, toda a sistemática da coleta seletiva de lixo, como proceder à separação, organização e o calendário da coleta é explicado em folhetos em línguas diferentes. No momento em que o estrangeiro cadastra-se na Prefeitura recebe o folheto em sua língua e o calendário de seu bairro.

Boletins informativos são publicados pela Prefeitura, em diversas línguas, visando cada comunidade estrangeira. Além destas

publicações mensais há a divulgação de folhetos sobre impostos, procedimentos para registro de nascimento, ajuda infantil, explicam sobre a instalação de gás; instruções de proteção e primeiros socorros em eventuais ocorrências de terremotos; como funciona o sistema de transporte urbano com explicações detalhadas de roteiros, horários, forma de pagamento entre outros. Mapas e guias da cidade são distribuídos gratuitamente em português e inglês.

2. Brasileiros com destino ao Japão

Na década de 1980 iniciou-se o fluxo migratório de brasileiros para o Japão, fato este conhecido com fenômeno de kassegui. Segundo Shuwartz (1993), apesar do empobrecimento generalizado na década de 1980 no Brasil, isso se deve à destruição da classe média e conseqüentemente a diminuição da expectativa de mobilidade social. Isto é,

... Quando uma sociedade ultrapassa os limites da flexibilidade na acomodação de perdas reais de renda, ingressando em processos irreversíveis de paralegalização, o fenômeno da anonimidade das expectativas de mobilidade torna-se um elemento importante de desagregação, e pode ser considerado um fator relevante de estímulo emigratório... (SCHWARTZ, 1993, p.216).

A partir da crise econômica da década de 1980, o Brasil passa a reverter sua situação: passa de receptor de imigrantes para emissor de emigrante. "... Começamos a fugir da assim chamada 'década perdida' pelos portões de embarque dos aeroportos internacionais..." (SALES, 1999, p.14). A mesma autora afirma que somente entre 1985 e 1987 houve a evasão de cerca de 1,25 milhão de brasileiros, aproximadamente 1% da população brasileira. Os principais destinos são Estados Unidos (38%), seguidos pelo Paraguai (30%) e em terceiro o Japão com 13%.

Segundo Kawamura, o fluxo migratório de brasileiros para o Japão pode ser vinculado a fatores diversos: econômicos tecnológicos, sociais, culturais e políticos de ambos os países. "... bem como às redes de comunicação e de interação sócio-culturais historicamente neles estabelecidas..." (KAWAMURA, 1997, p. 79).

Outros fatores interferem no fluxo migratório para o Japão. Destaca-se o fato de que é notadamente uma migração étnica, isto é, a grande maioria dos trabalhadores brasileiros que migram para o Japão é filha ou neta de japoneses, ou seja, nisseis ou sanseis, respectivamente. Esta é uma questão bastante debatida entre os pesquisadores deste fluxo migratório, principalmente no que se refere à discussão da identidade social. No Brasil são chamados e tratados como japoneses, apesar de se comportarem culturalmente igual a todos os brasileiros; não

saberem a língua japonesa, não comem comida japonesa. São assim apontados como japoneses, simplesmente pela matriz dos traços físicos, isto talvez se explique pela aceitação de que a identidade nacional se fez através da miscigenação das três raças. Entretanto, no Japão são brasileiros, pois apesar do fenótipo não se portam como japoneses: seus hábitos e costumes são de brasileiros. Isto é, onde quer que estejam parece que sempre estão fora do seu lugar.

A carência de mão-de-obra não qualificada no Japão e as dificuldades de emprego no Brasil deram o impulso para a migração de trabalhadores brasileiros para o Japão. Muitos japoneses que migraram para o Brasil no pós II Guerra Mundial retornaram ao seu país.

... No início do processo de migração de brasileiros ao Japão, em meados dos anos 80, destacaram-se iniciativas dos próprios empresários na busca de trabalhadores japoneses fora do Japão, em face das dificuldades por que passavam com a falta de mão-de-obra para suas empresas de pequeno e grande porte, com o perigo de terem que encerrar suas atividades econômicas... (KAWAMURA, 1997, p.83).

Esta busca de mão-de-obra fez surgir a reativação e o estabelecimento da comunicação entre empresários japoneses e comunidades de japoneses e descendentes em diversos países, como o Brasil e Peru. Desses contatos surgiu extensa rede de recrutamento de trabalhadores no Brasil.

Inicialmente, regressaram ao Japão os próprios japoneses que haviam deixado seu país, levando consigo seus filhos, alguns sozinhos, perseguiram emprego e melhor condição de vida. Muitos não divulgavam que estavam voltando para seu país de origem para trabalhar nas fábricas, de certo modo, carregavam o sentimento de fracasso, por terem "abandonado" sua pátria num momento econômico-social difícil e retornavam, como operários para um dos países mais ricos do Mundo.

Em 1990, com a mudança na Lei de Controle de Imigração, foi facilitada a entrada de trabalhadores descendentes de japoneses nascidos em outros países, os chamados nikkey. À primeira geração, chamada de nissei, foi concedido o direito de visto para trabalho por três anos, à segunda geração, denominada sansei passou a receber o visto, igualmente para trabalho de apenas um ano. Em caso de interesse em permanecer por mais tempo os vistos podem ser renovados e podem mudar para permanente. As gerações seguintes não usufruem tratamento diferenciado.

Diante da crise econômica que assolava o Brasil no início dos anos 90, a queda do padrão de vida da classe média brasileira, a escassez de empregos, a violência cotidiana e atraídos pelos altos salários pagos no Japão, muitos não titubearam, na primeira oportunidade embarcaram rumo as fábricas japonesas. Abandonaram

empregos, fecharam pequenos negócios, arrendaram propriedades, deixaram as gravatas e as camisas de colarinho para envergar macacão, boné ou capacete. Enfrentar trabalho duro e pesado por extensas horas não importava desde que fosse bem remunerado.

Em entrevistas realizadas em Hamamatsu o senhor Akira disse "*a gente tinha vergonha de dizer que vinha trabalhar no Japão, os conhecidos debochavam das condições de vida e tipo de trabalho a ser enfrentados no Japão*". Este entrevistado, nissei, 55 anos, bacharel em química, é proprietário de terras no interior de São Paulo. Filho de família de sete irmãos, todos com curso universitário: médico, economista, físico nuclear, engenheiro agrônomo, administrador de empresas e sociólogo-professor universitário. Administrava a propriedade rural da família e trabalhava como corretor de imóveis, deixou a esposa e três filhos no Brasil e veio trabalhar no Japão em 1993. Chegou a trabalhar dezoito horas por dia em dois empregos diferentes, um na construção civil outro no ramo de alimentação, ganhava em torno de seis mil dólares por mês. Seu objetivo era capitalizar sua propriedade rural, comprar implementos agrícolas e gado.

Os dados e informações coletados com a população brasileira em Hamamatsu apontam para este perfil de comportamento, no final da década de 1980 e início de 1990: trabalhar a exaustão, cumprir todas as horas-extras, aceitar os postos de serviços que pagavam mais por hora trabalhada, independentemente da insalubridade ou periculosidade e economizar o máximo. Alguns trabalhavam em dois empregos, não é raro encontrar estes exemplos no trabalho de campo.

Trabalhar, economizar e retornar ao Brasil, esse era o objetivo da maioria dos trabalhadores que desembarcaram no Japão no final dos anos 80 e início dos anos 90. Enfrentavam longas jornadas de trabalho, buscavam os setores que ofereciam o maior número de horas-extras. Alguns entrevistados chegaram a contabilizar mais de 200 horas-extras por mês. Sem contar que em algumas empresas o sábado não é contabilizado como hora-extra, em outras, contabiliza-se apenas um ou dois sábados por mês.

Há relatos de trabalhadores que enfrentavam a rotina de trabalho todos os dias, sem descanso semanal, de domingo a domingo, fazendo horas-extras todos os dias, trabalhando até dezoito horas por dia. Os postos de trabalho noturno, pelo desconforto do organismo, bastante desprezados pelo trabalhador japonês, também eram e ainda são muito ocupados pelo trabalhador brasileiro. A maior parte dos trabalhadores brasileiros, homens, passou pelo menos algum tempo no trabalho noturno. É também muito presente na comunidade de trabalhadores brasileiros o trabalho em revezamento de turno semanal, isto é uma semana trabalha durante o dia, na semana seguinte durante a noite e assim sucessivamente. Segundo os trabalhadores que seguem este esquema de trabalho, é mais cansativo do que trabalhar somente à noite, isto porque o organismo tem que se adaptar ao novo horário todas as semanas.

Os trabalhos considerados sujos ou perigosos também não eram rejeitados, desde que tivesse melhor remuneração. Tampouco não procuravam melhorar seu conforto, sujeitavam-se a viver em alojamentos, dividir quartos com outros trabalhadores, comer somente a alimentação oferecida pela empresa. Pois isso significaria gastar mais e deixar de poupar. Viviam em alojamentos apertados, dividiam quartos com desconhecidos, gastavam o indispensável para a sobrevivência.

O lazer era quase nenhum, quando conseguiam uma bicicleta usada, às vezes recolhida do lixo, passear de bicicleta era o que alguns faziam nas poucas horas de folga. A televisão, também usada, a maioria recolhida no lixo, para aqueles que entendiam o idioma japonês se tornava um passatempo. Pois, além do trabalho tinham que dar conta dos trabalhos domésticos: lavar roupas e fazer faxina.

Ainda hoje, início de 2001, é comum trabalhadores brasileiros se referirem a alguns bens recolhidos no lixo. O chamado "Gomi Store" ou "Gomi Depato", numa tradução livre, "loja do lixo". Em Hamamatsu funciona o sistema seletivo de coleta de lixo. Caminhando pelas ruas da cidade é comum depararmos, com televisões, videocassetes, bicicletas, máquina de lavar roupas, enfim uma infinidade de bens na calçada à espera do recolhimento.

Em muitos casos também encontramos referências aos bens das famílias que regressaram ao Brasil. Estas vendem ou doam seus bens como móveis, eletrodomésticos, bicicletas, brinquedos e até mesmo veículos para amigos e parentes que ficam no Japão. Esta prática é bastante comum, muitos bens passam de mão em mão, já que sempre há alguém chegando e necessitando de algum item, ao mesmo tempo sempre há alguém embarcando de volta ao Brasil e tendo que dispor dos móveis e utensílios domésticos.

A maioria dos trabalhadores que migrou a trabalho para o Japão dedicava pouco ou nenhum tempo para o lazer, especialmente quando o lazer era sinônimo de gastar. O Japão oferece muitas opções de lazer. Parques ecológicos, parques temáticos, museus, pontos turísticos e históricos, alguns gratuitos e outros não. Mas com a falta de informação e de comunicação com os japoneses, os trabalhadores estrangeiros ficam alheios às oportunidades de lazer. Muitos ainda, com o objetivo de economizar nem ao menos saíam de casa.

Interessante notar que nos primeiros tempos de vida no Japão, o trabalhador insiste em comparar os preços com os de seu país de origem. Apesar de estar em outro país, outro panorama sócio-cultural, ainda tem seu orçamento pautado nos gastos que tinha no Brasil. É bastante comum nas entrevistas com aqueles de que estão a pouco tempo no Japão, referências ao custo de vida e as comparações de preço. Isso leva a crer que nos primeiros meses ou anos no Japão o trabalhador brasileiro consegue amealhar mais economias, já que suas referências de orçamento estão baseadas nos gastos do Brasil.

WATKINS relata a trajetória de Terumi Maeda Jr, nikkei brasileiro, desde sua chegada no Japão até seu julgamento e

condenação por assassinato. A autora entrevistou Sergio, o irmão de Maeda Jr, que assim descreveu sua vida de economia no Japão: "... Costumávamos passar os dias de folga em casa, para não gastar dinheiro. Sentados em frente a uma televisão que não sabíamos o que dizia...". (WATKINS, 1996, p 41). A tese usada por sua defesa no tribunal foi de grande desgaste psicológico provocado pelo modo de vida: muito trabalho, lazer inexistente e desconhecimento da língua entre outros. Eis a continuação do depoimento.

... Os problemas da vida diária, em que cada pequena dificuldade se converte em um grande problema quase insolúvel, vão te acabando psicologicamente. A pessoa crê que vai conseguir suportar tudo, com força de vontade que temos ao pensar em voltar para casa com uma economia... (WATKINS, 1996, p.41).

Com esse espírito de trabalho e poupança desembarcaram milhares de brasileiros no Japão. A Tabela 1 mostra a evolução do crescimento da comunidade brasileira. O maior crescimento ocorreu nos anos de 1991 e 1992, logo após a mudança da Lei de Imigração no Japão, a partir da qual os descendentes de japoneses de primeira e segunda geração já poderiam ter o visto de três e de um ano, respectivamente, para trabalharem legalmente. Situação bastante diferente daqueles que chegavam, anteriormente, com visto de turista, com validade de três meses e proibidos de trabalhar. Estes mudavam sua situação no Japão, pediam a mudança do tipo de visto para trabalhar legalmente. A maioria que veio depois de 1990 já embarcou com o visto de permanência para um ou três anos, conforme seu grau de descendência e com a permissão para trabalho.

Esta tabela também mostra o crescimento, em porcentagem, da comunidade brasileira no Japão em comparação com outros imigrantes. Em 1990 os brasileiros representava somente 5,2% de todos os estrangeiros, em 1991 esse número já passa para aproximadamente 10%. A partir de 1996 os brasileiros estabilizam-se na faixa de 14 a 15% do total de estrangeiros no Japão.

TABELA 1. JAPÃO: EVOLUÇÃO DO TOTAL DE ESTRANGEIROS E BRASILEIROS - 1990-1999.

	Estrangeiros (abs)	Brasileiros (abs)	Brasileiros (%)
1990	1.075.317	56.429	5,2
1991	1.218.891	119.333	9,8
1992	1.281.644	147.803	11,5
1993	1.320.748	154.650	11,7
1994	1.354.001	159.619	11,8
1995	1.362.371	176.440	13,0
1996	1.415.136	201.795	14,3
1997	1.482.707	233.254	15,7
1998	1.512.116	222.217	14,7
1999	1.556.113	224.299	14,4

Fonte: Japan Immigration Association, 2000.

A Tabela 2 mostra a distribuição dos brasileiros registrados no Japão, por faixa de idade. É importante notar a grande concentração de brasileiros entre 20 e 39 anos. Eles representam cerca de 55% da população brasileira no Japão e certamente estão na faixa de idade mais produtiva, considerando que ocupam postos de trabalho que normalmente exigem rapidez e força física. É interessante também, que os homens estão em maioria frente às mulheres, no total eles somam 55% e em todas as faixas de idade ultrapassam o número de mulheres.

TABELA 2. JAPÃO: BRASILEIROS REGISTRADOS POR FAIXA ETÁRIA - 1999 (MIL).

	JAPÃO	SHIZUOKA
0~4	15.199	2.516
5~9	9.142	1.503
10~14	8.938	1.307
15~19	15.583	3.537
20~24	33.142	4.591
25~29	35.982	5.145
30~34	30.520	4.467
35~39	23.360	3.292
40~44	17.439	2.386
45~49	13.951	1.865
50~54	10.978	1.405
55~59	6.696	842
60~64	2.517	319
65~	963	106
Total	224.299	31.974

Fonte: Japan Immigration Association, 2000.

As entrevistas e as pesquisas de campo realizadas indicam que no início deste movimento migratório, já havia mais homens que mulheres. Entretanto estes eram de maior idade, entre os quarenta e os cinquenta anos. Com o passar do tempo e o aumento deste fluxo, aumentou a proporção de jovens e de mulheres, inclusive muitos jovens recém-casados.

A Tabela 2 também nos mostra a distribuição de brasileiros por faixa de idade no Japão e na Província de Shizuoka, onde se localiza Hamamatsu, onde há uma similaridade na distribuição, com maior predomínio de indivíduos na faixa dos 20 aos 39 anos.

3. Rede de Recrutamento de Trabalhadores e "Empreiteiras"

O início do processo migratório de brasileiros ao Japão, contou com a ajuda e o interesse das empresas que necessitavam de mão-de-obra em meados da década de 1980. Com a intensificação deste processo de busca de trabalhadores não-qualificados para a indústria japonesa, foram surgindo as empresas de terceirização de mão-de-obra, responsáveis pelo recrutamento, treinamento e colocação destes trabalhadores no mercado de trabalho.

Inicialmente as agências de recrutamento de trabalhadores japoneses passaram a captar os trabalhadores estrangeiros, algumas se especializaram em trabalhadores latino-americanos ou somente brasileiros. Iniciam desta forma a organização de imensa rede de recrutamento de trabalhadores no Brasil e em outros países da América Latina, envolvendo recrutadores nestes países, agências de turismo, despachantes e outros profissionais.

O funcionamento desta engrenagem começa na contratação de uma empresa de terceirização de mão-de-obra por pequena ou média empresa, que por sua vez foi contratada por outra empresa grande para fornecer peças ou produtos. A empresa de recursos humanos, conforme o contrato, passa a ser a responsável pelo recrutamento, treinamento e administração de pessoal para o trabalho em setores específicos da fábrica. Ou simplesmente fica responsável pelo recrutamento do pessoal, ficando o controle a cargo da empresa contratante. São diversos os tipos de contrato e as responsabilidades destas empresas, chamadas de "empreiteiras" pelos trabalhadores brasileiros.

No final da década de 1980 e início de 1990 as empresas de recrutamento de mão-de-obra disputavam acirradamente cada trabalhador. Hideki, que desembarcou no Japão em 1990, relatou que na chegada, ainda no aeroporto foi interpelado por funcionário de empreiteira que lhe propôs ir trabalhar com sua empresa, oferecendo mais vantagens e melhor salário.

... Ele queria que eu trocasse de empreiteira, me perguntou se tinha assinado contrato, respondi que não, mas tinha dado a palavra, já tinha combinado onde ia trabalhar. Era desse jeito, davam vantagens para a gente passar para outra empreiteira...

A remuneração do trabalhador é estipulada e paga pela "empreiteira", descontados os custos de transporte, moradia, alimentação. Segundo informações de trabalhadores brasileiros

entrevistados, as "empreiteiras" ganham hora trabalhada de cada um de seus contratados. Isto é, a empresa contratante paga 1.500 a 1.600 yens por hora trabalhada, o trabalhador ganha de 1.100 a 1.300 yens por hora e a "empreiteira" ganha de comissão de duzentos a trezentos yens por hora de cada trabalhador. Atualmente um dólar americano corresponde a 125 yens.

Esta intermediação nem sempre ocorre de forma pacífica, há muitos conflitos entre os trabalhadores e estas empresas. As reclamações vão desde o cálculo das horas trabalhadas, descontos injustificados no pagamento, omissão em casos de acidente de trabalho, demissão repentina e toda sorte de desmandos com acusações graves que chegam a imprensa: trabalho escravo e retenção de passaporte.

Muitas empresas de fato, são respeitadas e trabalham com idoneidade respeitando as práticas empresariais e a ética, outras são acusadas de abusar da boa fé dos trabalhadores.

... Se considerável parcela dessas empresas sediadas no Japão busca uma prática empresarial nos moldes de uma empresa terceirizada comum, outras, são apontadas, até por seus pares, como verdadeiras arapucas para trabalhadores estrangeiros... (KAWAMURA, 1997,p.87).

Grande parte dos trabalhadores brasileiros que desembarcaram e desembarcam no Japão tem sua viagem financiada por estes agenciadores de mão-de-obra. Primeiro são recrutados por agenciadores em suas cidades, que os encaminham para as empresas de terceirização de mão-de-obra sediadas no Japão. Nesta transação em todas as etapas existem pessoas e empresas honestas e outras não. Como resultados temos trabalhadores bem assessorados e outros simplesmente explorados por esta rede de recrutamento.

A Revista Made in Japan, editada em português e que circula no Japão e no Brasil, estampou a seguinte manchete "Fuji para não virar escravo: Contratado para trabalhar no Japão, o brasileiro Gilberto Pereira da Silva teve o passaporte apreendido pela empreiteira japonesa para que não pudesse ir embora". E a reportagem começa com o tom de alerta:

Você está pensando em ir trabalhar no Japão? Cuidado. Algumas agências de viagem e empreiteiras montaram um esquema que toma o trabalhador refém de contratos (sempre favoráveis ao patrão). O dekassegui fica preso à empresa por causa de dívidas impossíveis de serem quitadas, mesmo que ele trabalhe dia e noite. (Made in Japan, n.38, a 4, p. 49).

Em depoimentos colhidos em trabalho de campo foi comum a denúncia contra algumas empresas de terceirização de mão-de-obra.

Todos são unânimes em afirmar que é abusiva a cobrança do bilhete aéreo, cobram o valor de três mil dólares, quando a tarifa para passagem de ida, do Brasil para Japão ou vice-versa não custa mais de mil dólares. Entretanto a passagem é cobrada integralmente. A devolução que a empresa aérea faz fica nos bolsos dos que partilham desta rede de recrutamento de mão-de-obra, excluído o trabalhador. Todos os outros gastos de tradução de documentos, translados no Brasil e no Japão, alimentação, hospedagem também são descontados do salário do trabalhador, muitas vezes sem explicação ou discriminação das despesas.

Teresa, uma trabalhadora entrevistada em trabalho de campo relatou que, ela, o marido e dois filhos menores, foram enganados por uma agenciadora de mão-de-obra no Brasil. Ao desembarcarem no Japão os agenciadores recolheram seus passaportes. Foram muitas as promessas não cumpridas. Primeiro que haveria trabalho garantido para o casal, quando chegaram só havia emprego para ele. Em alguns lugares no Japão há muito poucos postos de trabalho para mulheres. O salário que o marido recebia era 50% do prometido. O apartamento confortável que foi prometido deu lugar a uma casa antiga na zona rural, longe de estação de trem ou de ponto de ônibus. Causou muito espanto e desconforto a pessoas acostumadas ao conforto da classe média brasileira, terem que morar em uma casa em que não havia vaso sanitário, o banheiro, ainda era fossa negra.

O marido trabalhava de segunda a segunda, meses a fio sem descanso. Ganhava seiscentos ienes por hora, para efeito de comparação, os homens geralmente ganham de 1.100 a 1.400 ienes por hora. Nada justifica um salário tão baixo. Mesmo assim, com poucas informações, sem possibilidade de melhorar sua situação, ele continuava trabalhando, o que fez por cerca de um ano. Teresa, inconformada, vendo sua situação piorar, tentou negociar várias vezes com o patrão do marido. No Brasil, o marido Paulo, tinha escritório de contabilidade, chegou a ter mais de vinte funcionários. Tinha casa própria, carro novo, os dois filhos estudavam em colégio particular. Por vários problemas, perderam suas posses e na primeira oportunidade não titubearam em embarcar para o Japão. Sua revolta chegou no limite, quando faltou comida para seus filhos. Pedia licença e coetava as folhas de verduras que eram descartadas no supermercado. "... *Pensava, como podia ter perdido tanto, não tinha vindo para o outro lado do mundo para passar fome...*".

Um dia sua ira explodiu em violência, sacou uma barra de ferro e foi tirar satisfação com o chefe da fábrica do marido... "*Fiquei louca, quebrei tudo que tinha no escritório dele, ameacei matar o japonês...*". Somente dessa maneira foram devolvidos os documentos e foram liberados, para trabalhar em outro lugar, mas não da dívida. Saldo da história, desembarcaram no Japão em fevereiro de 1998, em outubro de 2000, ou seja, dois anos e sete meses, ainda deviam para a empreiteira e para parente cerca de sete mil dólares.

Teresa vive visivelmente transtornada, apegou-se a devoção e aos cultos diários da Igreja Universal do Reino de Deus. Quando foi realizada a entrevista, fazia aproximadamente quarenta dias que ela freqüentava todos os dias a referida igreja. Falava sem parar de sua fé. Apesar da dificuldade financeira de sua família dava dinheiro, em pequenas quantias, todos os dias, para a igreja, prometia quantias maiores e pagar dez por cento de seu salário a título de dízimo.

Muitos trabalhadores por desconhecimento da língua japonesa e falta de informação das leis trabalhistas do Japão, permanecem em situação de exploração e sendo lesados por pessoas e empresas pouco escrupulosas por longo período.

O Consulado Geral do Brasil em Nagoya informou que há vários casos de denúncias de retenção de passaporte de cidadãos brasileiros no Japão, quando as denúncias chegam ao Consulado é emitida correspondência para a empresa alertando que tal prática consiste em crime. Afinal de contas o passaporte é de propriedade do Governo brasileiro e retê-lo é crime. Entretanto, o número de brasileiros que tiveram passaportes retidos por empresas vem aumentando. Em 1998 foram registrados 89 casos no Japão e, em setembro de 2000 este número chegava a 91.

Essa, infelizmente, é a realidade de parte dos trabalhadores que buscam conquistar seus sonhos através do trabalho nas fábricas no Japão. Seus sonhos acabam sendo frustrados por pessoas e empresas mal intencionadas. Há também denúncias de empresas que funcionam ilegalmente sem a licença para trabalhar com terceirização de mão-de-obra. Outras demitem e abandonam os trabalhadores em total desrespeito as leis trabalhistas do Japão. Muitos são os casos em que o trabalhador com problemas de saúde é demitido sem aviso prévio ou pagamento de licença-saúde. Simplesmente é levado ao hospital e deixado à própria sorte, sem qualquer assessoria da empreiteira, muitas vezes sem o domínio do idioma japonês, nem sequer entende qual o diagnóstico de seu problema de saúde. Nestes casos, sem parentes ou amigos, o trabalhador acaba dependendo da boa vontade de voluntários brasileiros e japoneses para traduzir o diagnóstico, solicitar ajuda de custo de seguro ou da Prefeitura, enfim, para tomar todas as providências que possam de alguma forma redundar em mais conforto, segurança ou informação para o paciente.

4. Perspectivas: Conflitos e permanência

A expectativa temporal de permanência no Japão da esmagadora maioria dos trabalhadores era de dois a três anos. Entretanto passados cerca de dez anos boa parte destes trabalhadores não retornaram ao Brasil e não tem plano concreto de regresso.

De fato, a maioria dos entrevistados quando questionada sobre seus objetivos iniciais de permanência expressaram períodos curtos, muitos inclusive por causa deste motivo deixaram esposas e filhos imaginando o regresso rápido. Não percebiam o perigo iminente da desagregação familiar, casos de pais de família que não suportando a vida solitária de trabalho extenuante acabaram por constituir novas famílias.

O trabalhador brasileiro no Japão, quando está sem a família tem grande mobilidade, em busca de melhor salário ou condições de trabalho. Muitos entrevistados relataram as várias mudanças de emprego e de cidade e até mesmo de província. Em todos os jornais de circulação na comunidade brasileira no Japão há a seção "Procura-se". Os motivos são diversos, familiares e cônjuges no Brasil e no Japão preocupados com o paradeiro destas pessoas, credores cobrando dívidas, transferências de carros, entre outros.

A mudança de planos do imigrante no que se refere às expectativas de retorno, aos projetos a serem executados no Brasil, a retomada da vida familiar e muitas vezes afetiva passa por vários fatores. Não convém enumera-las por grau de importância, pois cada indivíduo lhe dá valorizações diferenciadas conforme sua vivência e suas expectativas. Oferta de emprego, comodidades oferecidas pelas empreiteiras, infraestrutura de lojas de produtos e serviços, integração dos filhos ao sistema escolar japonês, adaptação do trabalhador ao sistema de trabalho, interação com a sociedade local, estes são os principais fatores que influenciam na decisão de ficar no Japão.

Da mesma forma há outros fatores que são obstáculos para o retorno ao Brasil. As notícias veiculadas na imprensa sobre a corrupção, violência, desemprego, falta de infraestrutura de saúde e educação e instabilidade econômica acabam por influenciar na decisão de protelar o retorno.

A adaptação do trabalhador ao sistema de trabalho japonês e das crianças ao sistema escolar também influenciam na decisão de permanecer no Japão, ou pelo menos na protelação do retorno ao Brasil. De toda maneira, com o passar dos anos o brasileiro vai se acostumando ao modo de vida da sociedade japonesa, mesmo aquele que nunca teve contato anterior com a cultura nipônica. A adaptação acaba sendo facilitada pela rotina.

Infelizmente quanto mais chegam notícias do Brasil, dos problemas sociais, da corrupção, do desemprego e da violência, o brasileiro que está no Japão há vários anos se assusta. Já se acostumou à tranquilidade e a segurança do Japão. Vários entrevistados que

retornaram ao Brasil a passeio confessaram o medo de andar nas ruas das cidades, chocados com a pobreza, a miséria e a sujeira das ruas.

Intermediando estas questões está a oferta de emprego e a possibilidade de manutenção do padrão de vida e de consumo no Brasil. Grande parte dos entrevistados tem conhecimento da experiência de algum colega, parente ou amigo, senão ele próprio que retornou para o Brasil com o objetivo de não sair mais e em poucos meses foi obrigado a voltar ao Japão.

Este é o maior medo, trabalhar duro, esforçar-se, poupar, investir no Brasil e perder seu capital. Relatos desta natureza se multiplicam.

Há relatos de sucesso de migrantes que retornaram ao Brasil e investiram seu dinheiro em atividades produtivas que lhes auferem boa renda e propiciam bom nível de vida e conforto. Inclusive alertam os mais otimistas e crentes no sucesso no Brasil que estes que concretizaram o sonho de voltar e montar seu próprio negócio não voltam ao Japão para falar do sucesso. Voltam para espalhar o medo, somente aqueles que tiveram decepção. Mas de todo modo, visão positiva ou negativa não importa, o fato é que estas notícias de fracasso repercutem muito na comunidade brasileira no Japão.

As mudanças de planos individuais passam pela expectativa do grupo, cada um individualmente traça seus objetivos, mas acaba compartilhando das expectativas de toda a comunidade. Percebe-se que os entrevistados sempre se espelham em experiências de conhecidos e amigos, em trajetórias de idas e vindas entre o Japão e o Brasil.

Muitos são os indícios desta mudança da expectativa temporal de permanência no Japão. A capacidade de amearhar economias é ponto fundamental para o retorno definitivo ao Brasil. Todos sem exceção planejam o retorno ao Brasil em melhor condição econômica. Os gastos em supérfluos de algumas famílias ou indivíduos contrariam a idéia de poupar para retornar.

A evolução da quantidade de remessas em dinheiro dos trabalhadores brasileiros ao Brasil, através das instituições bancárias, também reflete esta mudança na expectativa de permanência no Japão. Nos primeiros anos do fluxo migratório era comum o pai de família, que vivia sozinho no Japão, mandar remessas mensais para manutenção da família de para investimentos. Atualmente é mais comum o trabalhador trazer para junto de si a família e deixar de remeter quantias para investimento.

Em termos de investimento e de preocupação com o futuro, algumas famílias brasileiras estão buscando financiamento para a casa própria no Japão. Este fato reflete a consolidação da vontade de permanecer por longo tempo da vida no Japão. Voltar ao Brasil?... "Quem sabe um dia...". É a resposta da maioria.

Em entrevistas a alguns funcionários de instituições bancárias brasileiras no Japão, ficou evidenciada a tendência de aumento de abertura de conta poupança em dólar em detrimento das

remessas ao Brasil. Segundo estes funcionários, trata-se da protelação da data de retorno ao Brasil.

Tal fato corrobora com os dados obtidos nas entrevistas com os trabalhadores, quanto ao retorno ao Brasil. Quando falam do retorno ao Brasil sempre associam a algum marco distante ou relativo, por exemplo, terminar a formação dos filhos, a aposentadoria ou a velhice. Efetivamente, quando voltar ao Brasil é a questão que a maioria não sabe responder.

Bibliografia

ANAI DO SIMPÓSIO "**Dekasseguis**": 10 anos de História e Perspectivas Futuras. São Paulo: CIATE. 1998.

BASSEGIO, Luiz. (apres.). **O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio**: Desafios Pastorais. Petrópolis, 1998.

FUNDAÇÃO PARA COMUNICAÇÃO E INTERCÂMBIO DE HAMAMATSU. **Um guia para facilitar sua vida em Hamamatsu**. 3ed. Hamamatsu, 1994.

KAWAMURA, Lili K. **Trabalhadores brasileiros no Japão**: Estratégias de Formação Cultural. Campinas: Tese de livre docência, 1997.

KIGAI NIKKEIJIN KYOKAI. **Palestras sobre a cultura japonesa**. Toquio: Book Boko. 1999.

JAPAN IMMIGRATION ASSOSSIATION. **Estatísticas de estrangeiros registrados no Japao** (em japonês). Tóquio: 2000.

PREFEITURA DE HAMAMATSU. **Localize-se**. Hamamatsu: s/ed. 1998.

STATISTICS BUREAU, **Statical handbook of Japan**, Toquio, Management and Coordination Agency, Government of Japao, 1999.

THE SHIZUOKA ASSOCIATION FOR INTERNATIONAL RELATIONS. **Uma companhia para facilitar o seu dia a dia em Shizuoka**. Shizuoka, s/d.

WATANABE, Akio. **Governo e política no Japão Moderno**. Tóquio: International Society for Educacional Information. 1989.

WATKINS, Montse. **Passageiros de um sonho**: A experiência recente dos brasileiros no Japão, Kamamura: Luna Books, 1996.

_____. **El fin del sueño**: Lationoamericanos no Japão. Kamamura: Luna Books, 1999.

Revista **Made in Japan**. Tóquio.

Jornal **Tudo Bem**. Hamamatsu.

Jornal **Folha Mundial**. Hamamatsu.

Jornal **International Press**. Tóquio.

Jornal **Nova Visão**. Hamamatsu.

HICE News. Hamamatsu.

Boletim Informativo de Hamamatsu. Prefeitura de Hamamatsu.